

Identificação e diferença: o jogo dos opostos na articulação do discurso

Iris Helena Guedes de Vasconcelos¹

Depois da morte de Roberto, aprendera a quase não rir; (...) eu comecei a pensar em Roberto e na nudez violada da autópsia. (...) Liguei as duas coisas: teatro e martírio, teatro e desespero. No terceiro ato, ou no intervalo do segundo para o último, eu imaginei uma igreja. De repente, em tal igreja o padre começa a engolir espadas, os coroinhas a plantar bananeiras, os santos a equilibrar laranjas no nariz como focas amestradas. Ao sair do vaudeville, eu levava comigo um projeto dramático definitivo. (...) Eis a verdade súbita que eu descobrira: a peça para rir, (...) é tão obscena e idiota como seria uma missa cômica.

Nelson Rodrigues, *A menina sem estrela*, 1997.

Apoiando-nos na reflexão sobre a relação do eu e do outro, no processo de constituição da subjetividade do indivíduo, procuramos realizar uma leitura da obra do dramaturgo brasileiro, Nelson Rodrigues (1912-1980), *Toda nudez será castigada* (1965).

A discussão que propomos enfatiza a questão da identificação e da diferença, passando pelo tema do duplo, pois, no processo de identificação, o indivíduo tanto pode demonstrar uma expressão de ternura em relação ao outro quanto um desejo de afastamento e de rejeição. Desta forma, identificação e diferença formam um dos pares binárias que tanto se alternam como se aproximam, na constituição do jogo que articula o discurso na obra do dramaturgo brasileiro, apresentando-se carregado de um tom irônico e abrindo espaço para a ambigüidade de sentidos.

¹ Iris Helena Guedes de Vasconcelos. Doutoranda em Estudos Literários (UNESP/Araraquara) e Professora do Departamento de Letras do CFP/UFCG.